O ROMEIRO

Movimento de Romeiros de São Miguel

www.mromeirossm.pt

MAIO 2020

AGENDA CANCELADA

A MINHA PRIMEIRA ROMARIA

Escrevo este artigo a pedido do irmão João Carlos Leite para o jornal A Crença.

Pediu-me para relatar a minha experiência na romaria deste ano, que tive o prazer de a fazer no rancho de romeiros da paróquia do Santíssimo Salvador do Mundo da Ribeirinha.

Esta foi a minha primeira experiência como romeiro. Embora com 37 anos, nunca tinha tido a oportunidade para ir numa romaria anteriormente.

Tudo começou há cerca de um ano atrás. Num convívio popular na Ribeirinha manifestei a minha intenção de incorporar a romaria deste ano ao irmão mestre, Mariano Barbosa. Prontamente aceitou-me.

Apesar de não ter qualquer tradição familiar em romarias, porque meu pai nunca foi de romeiro e não me lembro de termos arrumado romeiros quando vivia com meus pais, sempre tive um grande respeito e admiração por esta tradição.

No entanto, fruto das várias vicissitudes da vida, como os estudos ou o emprego, assim que começavam as reuniões de preparação dos romeiros, apanhava-me a meio de exames ou de reuniões importantes.

Naquele dia, que manifestei a intenção de ir na romaria de 2020, manifestei a intenção à minha esposa que prontamente me apoiou e até me disse que não precisava de comprar nada pois poderia utilizar o xaile, o bordão e a saca do meu sogro que foi romeiro mais de trinta anos consecutivos.

Assim que começaram as reuniões de preparação inscrevi-me como prometido. Apesar de ser um ambiente diferente, onde estamos atentos àquilo que o irmão mestre diz, não me senti à parte do grupo. Conhecia praticamente todos os outros irmãos e isso deu-me uma sensação de conforto e de amizade.

Ao longo da preparação fui me habituando às regras impostas no regulamento e às salvas. Aproveitávamos ainda aquele tempo juntos para aprender cânticos e orações.

Os dias foram-se passando e a ansiedade ia aumentando à medida que se aproximava o grande dia. Na véspera da saída preparei tudo ao pormenor e a minha grande preocupação era acordar pelas 3h30 da manhã para estar na Igreja antes das 4h. Quase não dormi naquela noite com medo de acordar tarde.

Chegados à Igreja fiquei impressionado com a quantidade de pessoas que a encheram por completo. Na sua maioria eram familiares dos quarenta e oito irmãos (mais três) que saíram naquela manhã. Fiquei comovido no final ao ver e ouvir os choros das famílias a despedirem-se de nós.

No escuro da madrugada entramos no velho caminho do lameiro em direção à ladeira da velha no Porto Formoso. Sem qualquer iluminação pública, ia nos valendo as várias lanternas que levámos para seguir o caminho e logo nos primeiros passos começamos a rezar.

Ainda sem me aperceber do esforço físico que era necessário, estava bastante calmo e acompanhava os irmãos no passo e na oração.

Chegámos à Igreja de Nossa Senhora da Graça no Porto Formoso nos primeiros raios de sol e parámos mais à frente, em São Brás, para tomarmos o pequeno almoço.

Até ali estávamos todos bem fisicamente. Após aquela refeição tínhamos que nos colocar a caminho porque no primeiro dia íamos dormir à Achadinha, perfazendo um total de cerca 45 quilómetros no primeiro dia.

Ao longo do dia fiquei impressionado pela forma como eramos recebidos nas localidades, com muita gente a prestar a sua homenagem ao rancho, ora desejando uma boa viagem, ora pedindo orações. Vi também muita gente a chorar à nossa passagem.

Outro gesto de enorme generosidade que presenciei, logo no primeiro dia, foram as pessoas que nos preparavam as refeições e que o faziam sem qualquer intenção em troca. É que preparar a alimentação para aquele número de irmãos exigia muitas horas de preparação para nos levar os alimentos.

Na primeira noite dormimos todos no salão da Achadinha e fomos muito bem recebidos pelos membros da junta daquela localidade. Tinha sido um dia longo dia. Mas, no final tínhamos o sentimento de dever cumprido por termos conseguido chegar ao fim sem qualquer mazela.

Os irmãos, que sabiam que aquela era a minha primeira romaria, diziam-me que se tinha superado aquele dia, iria conseguir fazer a romaria até ao fim sem problemas.

No segundo dia, embora com algumas dores musculares, pusemo-nos a caminho de madrugada. Nunca pensei que existissem tantas grotas e com declives tão acentuados como aqueles que passamos naquele dia. Os caminhos secundários que os romeiros percorrem são verdadeiros desafios à nossa condição física.

Fiz um esforço para não transparecer que estava cansado, e caminhei ao lado de irmãos mais velhos que parecia que nada os afetava. Chegados à vila do Nordeste, para pernoitar, tive a sorte de ser recolhido por um irmão. Fui dormir numa cama, depois de um banho e de uma excelente refeição. Foi a minha primeira recolha e nunca me soube tão bem estar no conforto de um lar, embora desconhecido. Os irmãos que nos recebem são verdadeiros anjos da guarda que tudo fazem para nos receber da melhor forma. É uma sensação única que agora tento retribuir sempre que há romeiros que precisam ser recolhidos na minha paróquia.

Após aquele descanso estava como novo e pronto para mais um dia. Mas depois de subirmos a encosta do Nordeste em direção à Povoação, pensava que ia ficar por ali. Ao chegarmos ao sítio da pernoita no centro daquela vila, uma forte dor no joelho direito quase me paralisou a perna devido um problema antigo. Alguns irmãos preocuparam-se comigo e deram-me alguns analgésicos para as dores. Consegui adormecer. Ao acordar, embora ainda com dores, consegui caminhar como os restantes irmãos. Provavelmente noutras circunstâncias teria desistido, mas sem razão aparente as dores desapareceram.

Ao longo do percurso tivemos tempo para tudo: rezar, rir, chorar. Nos restantes dias vivi cada momento como sendo algo único. Absorvia cada momento. Nunca esquecerei o grande sentido de responsabilidade de todos os nossos irmãos. É que sempre que o irmão mestre ou o irmão contra-mestre, padre Ruy Silva, salvavam o rancho, todos, sem exceção, obedeciam.

De todas as orações cantadas, aquela que mais me comoveu foi no santuário da Esperança, defronte da imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres. O irmão mestre cantou de tal forma que nos fez pensar na nossa vida e nos vários atormentos que somos sujeitos diariamente. Chorei como uma criança.

Passado aquele dia, já estávamos a chegar ao final da romaria. O tempo tinha passado a correr. Fazendo uma retrospetiva àquela semana, não acreditava na distância que tínhamos percorrido. Provavelmente, se cada um de nós tivesse feito aquele percurso isoladamente, não teria conseguido chegar ao fim. Acredito que a entreajuda entre os irmãos e um verdadeiro espírito de grupo são fundamentais para superar as dificuldades físicas.

Terminada a romaria senti algo indescritível. Talvez por ter sido a primeira. Mas certamente não será a última. Só quem é irmão sabe do que falo. E agora sinto que mudei, para melhor.

Bendita e louvada seja a vida, morte e ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Alexandre Gaudêncio